



Superação de barreiras

Cena do filme *Surda*, em cartaz no Cine Cultura a partir de hoje

Filme *Surda* dirigido por Eva Libertad ganha o Prêmio Platino Xcaret, disputado entre 23 países latino-americanos

Ricardo Daehn
Enviado especial

Riviera Maya (México)
— Em muitos dos 50 países pelos quais passou o longa *Surda*, sobre barreiras impostas a uma mulher prestes a ter o primeiro filho, se forma a unanimidade: o público

abraça a genuína visão da diretora estreante Eva Libertad. Vencedor do prêmio de Público no Festival de Berlim, o filme foi considerado o melhor, entre estreantes, nos Prêmios Platino Xcaret, disputado entre 23 países ibero-americanos. “É incrível como tem se conectado”,

conta Eva, em entrevista exclusiva do **Correio**. Irmã da protagonista, Miriam Garlo, primeira intérprete surda a vencer prêmio de atriz revelação, nos prêmios Goya (os mais considerados na Espanha), Eva buscou reforçar a empática postura do marido da protagonista Angela, num

papel reservado ao multipremiado ator Álvaro Cervantes. “Escrevi Héctor (Cervantes) como uma espécie de reflexo de mim, uma espécie de alter-ego meu, pelo estreito contato com Miriam”, explica. O filme estreia hoje, em Brasília, tanto no Cine Cultura quanto no Cinesystem Caixa.

ENTREVISTA // EVA LIBERTAD, CINEASTA

De onde vem tanta identificação do público?

Algo que nasceu de uma história tão íntima e próxima de mim — meu vínculo com minha irmã, Miriam Garlo, que interpreta a protagonista — mas certamente tem uma mensagem que ressoa com tantas pessoas. Acho que, por meio dessa história de uma mãe, uma mulher que se torna mãe, e de um casal que tem um filho, recebi muitas mensagens. Ooovvintes e surdas. Muitas mulheres me disseram: “Não sou surda, mas sou a Ángela.”

Angela é uma mãe imperfeita, deslocada, ela se torna uma mulher muito trabalhadora e isolada...

Gosto que você fale da

personagem dessa forma, porque eu deixei bem claro nas filmagens que não queria que a personagem da Ángela fosse completamente definida pela sua surdez. Eu queria criar uma personagem complexa, uma personagem com contradições, com pontos fortes, mas também com fraquezas, e queria dar à Ángela a oportunidade de cometer erros, até mesmo de ser egoísta, de falhar, porque eu realmente gosto de personagens assim, e gosto ainda mais quando são personagens femininas tão contraditórias. Além disso, eu não queria criar uma mulher surda exemplar, não porque ela seja surda e haja tão poucas representações de pessoas surdas e mulheres

surdas no cinema, eu não queria cair na armadilha de criar uma personagem exemplar, ao contrário, possibilidade de ser tudo o que ela é, ou seja, de ser uma ceramista que faz cerâmica, de ser uma amante para seu parceiro, de ser uma filha para seus pais, de ser uma amiga para seus amigos, de ser uma mãe imperfeita para sua filha e, além de tudo isso, ser surda.

Sua irmã ganhou um Prêmio Goya, o primeiro atribuído a uma atriz surda. Como você se conectou com ela quando criança, e que esforço ela fez?

Bem, a história de Miriam é peculiar porque ela nasceu ouvindo e perdeu a audição aos 7 anos. Então, quando perdeu

a audição, ela já sabia falar. E meus pais, naquela época, nunca ouviram: “Sua filha é surda”. Eles ouviram: “Sua filha tem deficiência auditiva”, disseram: “deficiência auditiva severa”, que ela deveria sentar na primeira fila da escola, que ela deveria aprender a ler lábios e que eles deveriam levá-la a um fonoaudiólogo para que ela aprendesse a falar corretamente. Então, Miriam cresceu sem ter contato com sua identidade de surda.

Como viu seu papel empático, em tudo?

A acompanhei em todo esse processo de aceitação, por assim dizer, de sua identidade de surda. Percebi, nisso, que,

quando você se coloca no lugar de alguém, quando tem uma experiência de vida próxima que é diferente da sua, você é influenciado por essa experiência, você abraça a amplitude. Digo sempre que gostaria que tivéssemos mais conexões e mais relacionamentos com pessoas com deficiência, nada sei sobre outras deficiências: ser cego, ou como é ser uma pessoa com deficiência física ou intelectual. A sociedade não nos sensibiliza nem nos educa sobre como conviver com a diversidade, o que traz perda significativa de riqueza.

O repórter viajou a convite da organização dos prêmios Platino.